

O Problema do Idealismo Cartesiano

Fabio Marques Ferreira Santos¹

Resumo

Um estudo realizado com o propósito de abordar o problema do idealismo cartesiano, de forma pontual e objetiva, contribuindo aos que buscam na Filosofia racionalista uma melhor compreensão sobre esta questão.

Abstract

A study carried out with purpose to address the Cartesian idealism problem, in a precise and objective manner, contributing to interested in the rationalist Philosophy a better still comprehension about this question.

Palavras-Chave: Idealismo cartesiano, problema do idealismo cartesiano.

Key Words: Cartesian idealism, cartesian idealism issue.

“O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: todos pensamos tê-lo em tal medida que até os mais difíceis de se contentar nas outras coisas não costumam desejar mais bom senso do que têm”.

René Descartes

René Descartes sem dúvida abriu o caminho para a Filosofia moderna. Suas obras são verdadeiros clássicos, revelando nestes últimos três séculos a sua importância para o estudo e compreensão da Filosofia moderna.

O trabalho que se pretende tratar representa um objeto de crítica, talvez por representar uma marca à filosofia cartesiana. O idealismo cartesiano parte do sujeito na medida em que o conhecimento verdadeiro sobre o objeto parte das idéias criadas pelo próprio sujeito.

¹ Graduado em Direito pela Universidade São Francisco, graduando em Filosofia pela Faculdade de São Bento, especialista em processo civil pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Extensão em direito empresarial pela EPD, especialista em Direito Empresarial pela Fadis, especializando em Direito Constitucional pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC), Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica, Mestrando em Filosofia Política pela Faculdade de São Bento e aluno regular no Curso de Especialização em Filosofia, Ciência e Tecnologia pela UFABC – Universidade Federal do ABC – SP. Atualmente milita como advogado consultivo e contencioso no escritório Ferreira Santos e Ferreira Advogados Associados, Professor de Direito da Pós Graduação – ESAMC – Sorocaba e Filosofia e Direito da Graduação – FAC – São Roque.

Ele é responsável por unir esta realidade, que diferente dos realistas, concebe a verdade do sujeito para o objeto e não o inverso. Em Descartes, por exemplo, tem-se um engrandecimento do intelecto, responsável por dar conta das concepções tidas a respeito do mundo.

Os sentidos sofrem um choque natural, porque a realidade deve ser demonstrada por meio de uma reflexão intelectual e não mais pela simples constatação dos sentidos, ocorrendo a percepção da materialidade onde o intelecto fica com a simples tarefa de organizar o mundo e o determinar, distanciando-se do relativismo dos sentidos.

Este subjetivismo cultivado pelo idealismo conduz a uma realidade em que cada sujeito é detentor de um conhecimento. E ele sobre determinado objeto tem como pressuposto que é um conhecimento anterior. Descartes segundo seu método acredita que a ideia sobre algo, desde que seja ordenada por um processo metódico, conduz a verdade.

É importante observar que para haver este encontro com a verdade, Descartes não liga indistintamente o sujeito aos objetos. Para seu pensamento existe uma questão muito mais relevante que é efetivamente a realização do pensamento do sujeito como representação da realidade.

O seu idealismo é cauteloso, existindo no seu entendimento a representação, diferente da concepção realista. O idealismo cartesiano não é fechado, mas ele tem uma relação com o mundo exterior, afastando-se de um idealismo radical, podendo ser denominado por idealismo misto ou flexivo.

Para os realistas a concepção Aristotélica representa a relação entre o objeto, para Descartes a representação era tudo que o sujeito tinha em sua mente. Em sua concepção, diferente da corrente realista, não havia a necessidade do anterior, onde para existir, as coisas deveriam trilhar a trajetória do mundo dos sentidos.

O processo do idealismo cartesiano não estava reduzido simplesmente ao mundo e neste encontraria a resposta para seu pensamento. Mas existia um caminho que o levava a recorrer ao próprio pensamento, como uma maneira de dar conta à suas ideias, pois os sentidos poderiam lhe conduzir a erros que era inconcebível para sua filosofia.

Dessa maneira, o idealismo cartesiano é confinado as ideias, as representações da mente e a sua constatação por intermédio de um processo metódico capaz de garantir a verdade que se busca. Descartes não tem dúvida, como aponta o professor Franklin Leopoldo e Silva em sua obra *Descartes a Metafísica da Modernidade* (1993, pag.14) “Descartes terá sempre em mente que a solidez do saber depende da coesão e do encadeamento de todas as suas partes. Por isso ele dará ênfase no seu trabalho, ao caráter sistemático do pensamento.”

Descartes chega a conclusão que Deus é a garantia das representações em um plano de clareza e distinção, por meio do método. Não se pode esquecer que no campo da metafísica, da matemática e da física o método defendido pela sistematicidade cartesiana é elementar, devidamente garantido por um Deus.

Para Descartes, a essência vem antes da existência, um processo onde o objeto em sua extensão é representando pelo conhecimento da idéia. Não há relação do objeto com o sujeito, mas simplesmente um processo de formação do conhecimento da ideia sobre determinado objeto extenso no campo da inteligência.

A existência de um mundo material é uma realidade onde sua existência representa uma possibilidade, diagnosticada pelo processo metódico originário da relação conhecimento/ideia/representação.

Tudo isso se dá dentro da mente, num processo reflexivo onde o objeto representado pelo inteligível registra o conhecimento da idéia.No idealismo cartesiano, é comum ouvir as críticas de Espinoza, Leibniz e Peirce à Descartes a respeito de seu idealismo. Porém estes pensadores não podem se esquecer que em seus pensamentos também há pontos questionáveis, embora não serão tratados aqui neste momento.

A proposta é tratar do cartesianismo, ou seja, da passagem da ideia geral à certeza das representações sensíveis das quais se tem a certeza da existência das coisas como fora do sujeito.Para validar as representações Descartes utilizou alguns recursos, dentre os quais se destaca a tarefa da imaginação ante a ausência das próprias coisas. Com isso, percebe-se que a imaginação se apropria da presença dos objetos físicos idealizando-os e, ao mesmo tempo, traçando sua forma mesmo ante sua ausência no campo da sensação, ligado a coisa imaginada.

Este procedimento realizado das próprias coisas é uma espécie de pensamento ligado a determinado corpo por intermédio dos sentidos. Entretanto a imaginação pode

ser limitada na medida em que ao enfrentar um objeto desconhecido, considere que as coisas que estão no mundo exterior não consigam dimensioná-lo.

Este processo se dá por meio da sensação que se tem das coisas para a formação da imaginação. Mas deve-se observar que a sensação, sendo faculdade dos sentidos, cai no descrédito para Descartes, podendo ser auferida somente dentro de um processo metódico, certificado por Deus.

Embora Descartes não afaste categoricamente a possibilidade de ideias sensíveis alheias ao pensamento, enumera as hipóteses de coerção, vivacidade, prioridade, corpo próprio, interação corpo e mente. Mesmo assim, explicar outra causa para a representação sensível que não seja fora da mente, não haveria explicação para a representação e a sensação.

Ainda nesse contexto, Descartes acolhe a certeza divina em face de inclinação natural. O fato de Deus ter nos criado, permite pensar que ele nos induz ao erro pela crença da sensação das coisas externas na nossa mente. Neste campo, o método se revela ineficaz na medida em que não se consegue chegar à verdade real.

Ao aplicar o método no campo das verdades oriundas das ideias sensíveis não se obtém uma clareza e distinção, pois, as ideias poderiam sofrer alterações em decorrência dos sentidos que as formariam. Contudo, não se pode negar a existência de objetos externos que são causas das percepções sensíveis.

Descartes se convence da existência de um mundo exterior, mas torna-se tão frágil mesmo à luz do princípio da verdade divina e à origem das representações sensíveis. Mesmo considerando a existência sensível das coisas no mundo exterior, as causas das sensações e das ideias sensíveis, não são claras e distintas a ponto de garantir uma representação verdadeira com relação a realidade formal.

Como ter certeza de que estamos representando as coisas como elas realmente são? O que justifica o problema da correspondência entre realidade objetiva e realidade formal? As ideias sensíveis advindas da percepção são sempre confusas e obscuras, impedindo ter efetivamente uma precisão do mundo exterior, o que leva a crer que o sensível não pode ser apropriado pelo conhecimento diante da instabilidade da natureza dos sentidos.

Esta discussão tem origem no pensamento cartesiano em decorrência da separação da substância pensante e da substância extensa. Neste último campo onde o

método consegue envolver objetivamente a ideia de extensão com os critérios da clareza e da distinção, a essência real é criada por meio da existência ideal na mente.

Os sentidos se encarregam de transportar a compreensão para o campo da existência perceptiva, e junto com a percepção, a obscuridade e a confusão comuns ao plano sensível, impossibilitando um verdadeiro saber ao mundo exterior.

Descartes é um pensador por excelência, defendendo a existência de uma metafísica onde existe a separação das substâncias pensante e extensa. Dentro dessa dicotomia existe certa indissociabilidade substancial, e o exemplo é o “homem”.

O dualismo cartesiano encontra-se junto à alma e ao corpo em um único corpo, de maneira que o método cartesiano não consegue explicar, a não ser por respaldo da vontade divina.

O problema da comunicação das substâncias reflete o problema do idealismo cartesiano, a relação entre o pensamento e a extensão. A metafísica cartesiana não tem um estreitamento tão intenso quanto a relação entre a substância pensante e extensa. Mas na relação de comunicação do intelecto com as ideias, existe uma incomunicabilidade física entre as substâncias, que é um fator notório nesta realidade, encontrando-se perfeitamente suscetível e repousando no campo da matéria.

Descartes ao enfrentar este problema destaca indiretamente dois problemas, o da ideia pensante e uma ideia extensa, ora se não há comunicabilidade das substâncias, como pensar a existência da autonomia e independência da ideia pensante e da ideia extensa. Como justificar o mundo exterior diante da existência de uma comprovação física deste que em suma seria um plano material?

O pensamento cartesiano define a ideia de corpo tendo como base a substância, uma extensão que não necessita da imagem corpórea, pois para ele a ideia de corpo é o mesmo que ideia de extensão. Descartes compreende que não é importante provar a existência de algo fora da mente, o essencial, é a extensão do que está fora da mesma.

A materialidade em Descartes embora tenha que ser comprovada no plano externo, não traz qualquer problema. Pode-se comprovar isto com base nas ideias de Franklin Leopoldo e Silva (1993, pag. 78) “... e assim, Descartes não comete incoerência quando afirma que, embora o mundo material exista, ele não pode ser efetivamente conhecido enquanto tal, isto é, as percepções de corpos não podem tornar-se ideias objetivas”. “É como se necessitasse menos da existência das coisas materiais do que do conceito das mesmas.”

Descartes marca sua física com a ciência da extensão, que é proveniente da geometria, porém, seu pensamento enfrenta assim o problema da ligação entre a física e o movimento oriundo da extensão. Tem-se então os dilemas de que tudo que se move é extenso, por outro lado, não se pode garantir que a mobilidade decorra da extensão.

Ela não pode ser a causa do movimento, pois os corpos não possuem força, caso isto ocorra seu pensamento se voltará ao pensamento Aristotélico, onde os corpos são dotados de força. Se afirmar que os corpos de Descartes possuem alma ocorre aí uma condensação entre substância extensa e substância pensante.

Para resolver este problema Descartes destaca a possibilidade dos corpos se moverem dentro de um universo mecânico, em que as causas de seus movimentos são alheias a sua existência. O movimento não é realizado pelos próprios corpos, mantendo assim, a separação da substância pensante e da substância extensa. É preciso observar que embora exista um movimento destes corpos dentro de um universo mecanicista Descartes não conseguiu explicar a causa deste movimento, embora tenha afirmado que o movimento não era realizado pelos próprios corpos.

Seus esforços foram centrados para que conseguisse manter separado o mundo físico do mundo mental. Além de não compreender que o fenômeno advindo da união entre corpo e alma não afetasse sua teoria diante da zona cinzenta não explicada por seu pensamento; identificou que o maior problema do idealismo está na relação da substância pensante e sua relação com a representação do mundo exterior.

A passagem da essência à existência é um abismo em que a representação não possui um caráter objetivo. Outro problema é o juízo de demonstração entre a realidade de uma existência e seus fatores: a essência e a idéia, revelando-se sem importância.

Descartes coloca em dúvida as representações sensíveis, a característica dupla da representação e coloca a necessidade de exposição da dúvida diante de seu juízo confuso e obscuro. A percepção sensível passa por um processo onde também do ponto de vista da percepção pode gerar outras dúvidas. Interessante que neste processo o que se pode confirmar é a existência de um plano geométrico do mundo, não trazendo a certeza da ordem qualitativa ou geométrica.

O cartesianismo se limita a uma análise qualitativa, onde o método não consegue alcançar o campo da análise quantitativa dos objetos submetidos ao método. Dessa forma, o próprio Descartes considera que esta ausência de análise gera a

impossibilidade de clareza e distinção, dificultando a análise da sensação que pode ser verdadeira se aplicada ao princípio da verdade Divina, o que é distinto quando se trata da análise das ideias matemáticas.

Por esta razão o idealismo cartesiano tem a sua crença no valor objetivo da sensação atenuada diante da ausência de clareza e distinção das ideias sensíveis. Estas dificultam a passagem das ideias à existência das coisas materiais. Deve-se considerar a dificuldade do idealismo em responder ao critério qualitativo diante da impossibilidade de se obter uma verdade absoluta no mundo sensível. Assim não se pode teorizar o mundo sensível sem antes analisar o critério qualitativo por meio do método cartesiano.

Dessa forma, o homem como um Ser de vontade e entendimento se vê como solução do dilema do idealismo cartesiano, que se rende a sua limitação e entende que sua teoria tem em si uma deficiência. Descartes procura solucionar, compreendendo as razões que dão origem às causas do problema de seu idealismo.

Pode-se antecipar que o homem, inclusive Descartes, é um ser detentor de uma vontade limitada, sendo esta determinante de seu entendimento. Somente Deus é composto de plenitude e entendimento, não possibilitando a Descartes acesso a um entendimento absoluto que possa solucionar o problema de seu idealismo.

Referências Bibliográficas

Apontamentos de aulas expositivas do Professor e Coordenador do Curso de Mestrado da Faculdade de São Bento Djalma Medeiros.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua concepção de homem** Coleção Filosofia: Edições Loyola. 1993

DESCARTES., René. **Princípios da filosofia**. Tradução João Gama: Edições 70, 1997.
_____. **Princípios da filosofia de Descartes**. Tradução Torrieri Guimarães, São Paulo: Hemus, 1968.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Descartes a metafísica da modernidade**. Coleção Logos. São Paulo: Moderna. 1993.